

## A Montanha

Aquele sábado, dia 24, alvoreceu nublado e sombrio, mas anunciava-se bom tempo para mais tarde. Pelos meus cálculos, se eu começasse a escalada bem cedo, através dos pomares e bosques do sopé, alcançaria o alto da montanha por volta do meio-dia. A essa hora, talvez as nuvens se tivessem dispersado, e eu desfrutaria de uma magnífica vista a partir do cume — as montanhas mais baixas a toda a volta, descendo até ao fiorde de Hardanger, e o grande fiorde em si, visível em toda a sua extensão. «Escalada» sugere trepar a rochedos, munido de cordas. Mas não se tratava desse tipo de escalada — eu apenas ia subir uma vereda íngreme de montanha. Não antevia problemas ou dificuldades especiais. Era forte como um touro, estava no auge, no esplendor, na flor da vida. Ansiava pela caminhada, cheio de confiança e prazer.

Em breve encontrei a minha passada habitual — uma passada vigorosa, ritmada, que me faz avançar depressa. Partira antes do nascer do Sol, e às sete e meia alcançara, talvez, os seiscentos metros de altitude. A névoa matinal começava já a dissipar-se. Entrei depois num pinhal escuro, onde abrandei o passo, em parte devido às raízes que sulcavam o atalho, em parte porque, fascinado pela multidão de pequenas plantas que cresciam ao abrigo das árvores, parava a cada momento para examinar um novo feto, um musgo, um líquen. Ainda

assim, emergi da floresta um pouco depois das nove, e cheguei então ao sopé do grande cone que formava a montanha propriamente dita e se elevava acima do fiorde até aos dois mil metros. Para meu espanto, havia nesse local uma cerca e uma cancela, e a cancela ostentava um letreiro ainda mais espantoso:

### CUIDADO COM O TOURO!

em norueguês, e, para aqueles que não conseguissem ler o aviso, um desenho bastante cómico de um homem a ser atirado ao ar pelos cornos do bicho.

Parei, examinei o desenho e cocei a cabeça. *Um touro? Aqui em cima?* O que é que um touro andaria a fazer naquele lugar? Eu não vira sequer ovelhas nas pastagens e quintas mais abaixo. Talvez fosse uma piada, posta ali pelos aldeãos ou por algum montanhista com um estranho sentido de humor. Ou talvez houvesse *mesmo* um touro, solto pelo dono numa vasta pastagem de montanha durante o Verão, alimentando-se da erva rala e da vegetação rasteira. Pois bem, já bastava de especulações! Em frente, até ao cume! O terreno mudara de novo. Era agora muito pedregoso, com enormes penedos aqui e além; mas havia também um solo arável e fofo, lamacento nalguns lugares porque chovera de noite, onde crescia muita erva e alguns arbustos dispersos — forragem suficiente para um animal que tivesse a montanha inteira para pastar. A vereda tornara-se muito mais íngreme e estava bem marcada, embora me desse a impressão de não ser muito frequentada. Aquela região não era propriamente muito populosa. Ainda não me cruzara com outros turistas, e os aldeãos, segundo me parecia, estavam demasiado ocupados a cuidar dos campos, a pescar e a executar outros trabalhos, não lhes sobrando tempo para passeatas pelas montanhas das redondezas. Tanto melhor. Tinha a montanha só para mim!

Continuei a avançar, cada vez mais alto — embora não pudesse ver o cume, já atingira, pelas minhas contas, mil metros de altitude, e se o carreiro que me faltava percorrer fosse apenas íngreme, mas não traiçoeiro, conseguiria alcançar o topo por volta do meio-dia, tal como planeara. E portanto prossegui a caminhada, mantendo uma passada rápida apesar da inclinação, congratulando-me pela minha energia e resistência, e sobretudo pelas minhas pernas fortes, treinadas por anos e anos de exercício físico intenso ao ar livre e em ginásios. Quadricípites fortes, corpo forte, grande fôlego, grande resistência — estava grato à natureza por ter-me dotado com todas estas qualidades. E ao impor a mim próprio proezas de ordem física, longas sessões de natação e longas escaladas, isso era uma forma de dizer «Obrigado» à natureza e de fazer pleno uso do corpo sadio que ela me dera. Por volta das onze horas, nos breves instantes em que a névoa instável mo permitiu, pude ver pela primeira vez o cume da montanha — não muito acima de mim — eu *ia* conseguir lá chegar ao meio-dia. Uma ténue neblina resistia ainda aqui e além, por vezes envolvendo os penedos, de modo que era difícil distingui-los. Ocasionalmente, um penedo, entrevisto no meio da névoa, quase parecia um enorme animal agachado, e só revelava a sua verdadeira natureza quando eu me aproximava. Houve momentos ambíguos em que eu estaquei, hesitante, enquanto perscrutava as formas difusas diante de mim... Mas quando o desenlace ocorreu, nada teve de ambíguo!

A Realidade real não foi um desses momentos, e não houve nela réstia de ambiguidade ou ilusão. Na verdade, eu acabara de emergir da névoa, e comecei a contornar um penedo do tamanho de uma casa, em volta do qual o carreiro descrevia uma curva, impedindo-me de ver ao longe, e foi essa incapacidade que propiciou *o Encontro*. Eu quase tropecei naquilo que jazia diante dos meus pés — um enorme animal deitado na vereda, o qual, aliás, a ocupava por completo, e

cuja presença me fora ocultada pela massa bojuda do rochedo. Tinha uma grande cabeça com chifres, um estupendo corpo alvo e um enorme focinho meigo, branco como o leite. Ficou imóvel ante a minha aparição, extremamente calmo, e limitou-se a virar para mim o seu largo focinho branco. E nesse momento, diante dos meus olhos, a aparência do bicho mudou, e ele passou de magnífico a absolutamente monstruoso. O largo focinho branco pareceu inchar imenso, e nos seus grandes olhos salientes perpassou um brilho maligno. O focinho cresceu mais e mais, até me parecer que iria cobrir todo o universo. O touro tornou-se medonho — inacreditavelmente medonho, medonho na sua força, malevolência e velhacaria. Em todos os seus traços parecia-me agora haver algo de infernal. Ele convertera-se num monstro, primeiro, e agora no próprio Demónio.

Durante um escasso minuto, mantive a compostura, ou uma aparência de compostura, e, de forma perfeitamente «natural», como quem chegou ao fim de um passeio e decide regressar, dei uma volta de 180 graus, girando sobre um calcanhar, e iniciei uma descida ágil e destra. Mas depois — oh horror! — os meus nervos cederam subitamente, o pavor invadiu-me, e desatei a correr, temendo pela vida — corri loucamente, cegamente, pelo carreiro abaixo, um carreiro íngreme, lamacento e escorregadio, oculto aqui e além por manchas de neblina. Sentia um pânico cego, demencial! — não há nada pior no mundo, nada pior — e nada mais *perigoso*. Não sei dizer exactamente o que aconteceu. Na minha fuga precipitada pelo caminho traiçoeiro, devo ter tropeçado — pisei uma pedra solta, ou apoiei mal o pé. Dir-se-ia que a minha memória nada reteve sobre esse momento — há um «antes» e um «depois», mas não um «durante». Lembro-me de correr como um louco, consciente de uma respiração pesada e do baque surdo de passos, sem saber bem se provinham de mim ou do touro, e no instante seguinte estava dei-

tado na base de uma pequena parede rochosa, com a perna esquerda grotescamente torcida por baixo de mim, e, no joelho, uma dor como nunca antes sentira em toda a minha vida. Num dado momento estava cheio de força e vigor, são como um pêro, com todas as minhas energias e faculdades, e, segundos depois, vi-me praticamente impotente, aleijado, privado dessas mesmas capacidades — uma tal mudança, tão súbita, é difícil de compreender, e o espírito procura afanosamente explicações plausíveis.

Este fenómeno já se me deparara noutras pessoas — em doentes meus, vítimas de lesões ou doenças súbitas — e agora encontrava-o em mim próprio. O meu primeiro pensamento foi este: tinha ocorrido um acidente, e *alguém que eu conhecia* ficara gravemente ferido. Mais tarde, dei-me vagamente conta que a vítima era eu próprio; mas esta percepção foi acompanhada pelo sentimento de que não era nada de grave. Para mostrar isso mesmo, pus-me de pé, ou antes, *tentei fazê-lo*, mas caí antes de o conseguir, pois a perna esquerda estava totalmente flácida e inerte, e cedeu sob o meu corpo como se fosse feita de esparguete. Incapaz de suportar qualquer peso, ela vergou por baixo de mim, dobrando-se para trás no joelho e fazendo-me soltar gritos de dor. Contudo, o que me assustava horrivelmente não era tanto a dor, mas sim a ausência de tonicidade do joelho, a maneira como este se deformava e a minha absoluta impotência para evitar ou controlar isso — e a aparente paralisia da perna. Foi então que o horror, por momentos tão opressivo, desapareceu em face de uma «atitude profissional».

«Pois bem, doutor», disse a mim próprio, «importa-se de examinar a perna?»

De um modo muito profissional e impessoal, sem laivos de ternura, qual um cirurgião a examinar um «caso», pousei as mãos sobre a perna e examinei-a — apalpei-a, mexi-a para um lado e para o outro. Enquanto assim procedia, pus-me a